

## Considerações finais/conclusão

Setenta anos após as primeiras descrições de autismo (Kanner, 1943), os prejuízos sensoriais parecem finalmente ganhar um espaço no cenário do transtorno. Embora as evidências sobre como esses problemas se apresentam e qual o real papel dos mesmos para a configuração do autismo ainda sejam inconclusivas, parece haver ao menos um consenso de que eles realmente existem. A inclusão de critérios sensoriais no próximo DSM-5 parece formalizar a necessidade de se considerar esses aspectos quando se trata do autismo. Entretanto, é preciso que cada vez mais estudos sejam conduzidos a fim de esclarecer melhor a especificidade desses problemas no autismo, seus mecanismos de ação, sua prevalência e sua relação com sintomas oficiais do transtorno (prejuízos de interação e comunicação social com padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades).

Tendo isso em mente, o objetivo do trabalho foi investigar os prejuízos sensoriais em uma amostra de crianças autistas brasileiras e explorar a relação desses padrões sensoriais com o grau de severidade do transtorno.

Para se evidenciar o peso dos prejuízos sensoriais no autismo, se fez necessário primeiramente destacar o papel fundamental do processamento sensorial no desenvolvimento. Nesse contexto, o segundo capítulo descreveu o que se entende por processamento sensorial, e o que pode acontecer quando há algum prejuízo nesse processo. Problemas sensoriais parecem prejudicar as interações sensoriais, o que, por sua vez pode comprometer o desenvolvimento. Como foi colocado, toda interação social é, antes de qualquer coisa, uma fonte de estimulação sensorial. Logo, para que uma pessoa tenha um bom desempenho geral no dia a dia, é preciso que seus sentidos trabalhem bem e que haja um processamento adequado da informação sensorial. Quando isso não acontece as habilidades de atenção, engajamento e comunicação podem ficar comprometidas. O capítulo também apresentou o chamado Transtorno de Processamento Sensorial (TPS) que tem servido de base para o entendimento dos padrões de prejuízos sensoriais encontrados no autismo.

Como apresentado no capítulo 3, problemas sensoriais são descritos na literatura desde as primeiras descrições do autismo, entretanto, somente recentemente têm sido mais investigados. Além das teorias que buscam explicar o autismo a partir de uma perspectiva sensorial, são muitos os relatos autobiográficos que têm contribuído para a investigação de prejuízos dessa natureza no transtorno. Esses relatos servem não só para nortear as pesquisas científicas, como também para sugerir que talvez muitos dos comportamentos apresentados pelos autistas sejam produtos de um processamento sensorial disfuncional. Pesquisas científicas apontam cada vez mais o papel fundamental dos problemas sensoriais no autismo e a incidência encontrada desses prejuízos chega a ser de 95%.

Os resultados encontrados no presente estudo estão de acordo com as expectativas iniciais e com as principais pesquisas da área, salvo suas limitações. Foi encontrada uma incidência de problemas sensoriais em 82,1% das crianças autistas avaliadas na pesquisa (diferença definitiva mais diferença aprovável). Quando divididas por grupos de severidade, a incidência de crianças com autismo severo que apresentaram diferença definitiva sensorial chega a 94,4%, sugerindo um papel central desses problemas em crianças com autismo severo. Os problemas sensoriais mais frequentes nessa amostra estão relacionados às categorias de *Auditory Filtering*, *Low Energy/Weak* e *Underresponsive/Seeks Sensation* do *Short Sensory Profile*, sendo esta última a única categoria que apresentou correlação com o grau de severidade do autismo. Por conta das limitações do estudo, os resultados requerem interpretação cautelosa. A utilização de instrumentos validados em combinação com uma amostra maior permitiria conclusões mais definitivas.

O trabalho procurou, acima de tudo, alertar pesquisadores, profissionais e familiares para a presença e o peso dos prejuízos sensoriais no autismo. A identificação desses problemas pode contribuir não só para a identificação precoce do risco de autismo, como também para a elaboração de estratégias de intervenção e acomodação sensorial no dia a dia dos autistas.

De modo geral existe um consenso sobre a importância em se identificar os precursores dos prejuízos do autismo, como evidencia Lampreia (2009) a respeito dos precursores da linguagem. Segundo a autora, a partir de 2005 estudos longitudinais prospectivos têm procurado sinais de risco de autismo a

partir dos 6 meses de idade em bebês com risco (irmãos de autistas). Entretanto, os estudos longitudinais baseiam-se, principalmente, nas interações triádicas mãe-bebê-objeto, levando em consideração categorias quantitativas discretas de atenção compartilhada - olhar para o experimentador, alternância de olhar, apontar e seguir o apontar - que se desenvolvem entre os 9 e 15 meses de idade. Essas categorias são consideradas precursores da linguagem e marcadores do autismo. Lampreia (2009) atenta para a importância de se considerar os precursores desses precursores da linguagem, encontrados nas interações diádicas mãe-bebê, entre o nascimento e os 9 meses de idade, ou seja, habilidades comunicativas diádicas básicas – contingência, reciprocidade, antecipação, alternância de turno - que permitem o diálogo.

Talvez esse seja o momento dos esforços científicos se voltarem para a investigação dos processos ainda mais primários do desenvolvimento. No caso dos precursores dos precursores da linguagem de Lampreia (2009), talvez seja relevante se perguntar o que permite com que o bebê apresente as habilidades comunicativas diádicas básicas de alternância de turno, reciprocidade, contingência e antecipação. A autorregulação investigada por Silva e Schalock (2012), por exemplo, talvez seja um bom ponto de partida para investigação.

Do ponto de vista clínico também é importante que se considerem problemas dessa natureza. Identificar o perfil sensorial de uma criança pode fazer com que se consiga criar um ambiente mais organizado no dia a dia, e, por conseguinte mais propício para o desenvolvimento e aprendizado. Muitas vezes as habilidades dessas crianças autistas ficam mascaradas pelos problemas sensoriais, o que faz com que muitas vezes elas acabem sendo subestimadas. Estratégias de acomodação sensorial podem dar às crianças a chance de mostrarem do que são capazes. É importante que cada caso seja avaliado individualmente pelo terapeuta, como se cada criança fosse um projeto de pesquisa que requer uma investigação minuciosa de suas particularidades.

Por fim, é preciso que as investigações de problemas sensoriais no autismo, que até o presente momento, utilizam em sua maioria questionários sensoriais, sejam complementadas por pesquisas de outros níveis como, por exemplo, o neurológico, o fisiológico e o genético, entre outros. A verdade é que ainda existe uma grande lacuna entre o que se pensa a respeito dos problemas sensoriais no autismo e o que realmente se sabe. Entretanto, o reconhecimento

desses problemas têm se mostrado cada vez mais necessários para o entendimento do autismo, mas não suficientes para dar conta de tamanha diversidade dentro do espectro.

Essa pesquisa representou um primeiro passo no que diz respeito à investigação sensorial do autismo no Brasil. Apesar de suas limitações, sua relevância não deve ser descartada. O fato de o autismo ter sido tratado sob uma ótica sensorial, por si só já justifica sua importância.